CHEVRA KADISHA
Associação Cemitério Israelita de São Paulo

INFORMA

Edição nº 101, Setembro/Outubro 2026 — Tishrei/Cheshvan 5787 — Ano 30 — chevrakadisha.org.br/ck-informa

Embu completa 25 anos em meio à exuberante natureza

Em 2 de março de 2001, o Cemitério Israelita do Embu foi consagrado como o "novo" campo santo da comunidade judaica paulista. Mais de 25 anos depois, o local se consolidou como referência de integração entre as tradições judaicas, o acolhimento às famílias e a preservação do meio ambiente.

Concebido pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo para ser o "cemitério do futuro", o Embu foi planejado a partir de uma proposta sustentável e eficiente. Hoje, reúne mais de duas mil sepulturas e representa um modelo contemporâneo de necrópole, no qual as tradições religiosas convivem em harmonia com a exuberante natureza do entorno.

Instalado em um terreno de 49 alqueires, comporta uma área de reserva ambiental que preserva três lagos, um parque de araucárias e um manancial. Desde sua criação, segue as mesmas diretrizes das quadras de cemitério-jardim já existentes no Butantã, com lápides ocupando até um terço da sepultura e os outros dois terços destinados ao jardim.

O modelo valoriza a paisagem e contribui para a preservação ambiental, uma vez que a manutenção de amplas áreas gramadas favorece a permeabilidade do solo e as características naturais do entorno.

Nesses 25 anos, a infraestrutura também se aprimorou. Em 2023, após ampla reforma, os prédios das salas de velório passaram a comportar mais de 100 pessoas, em ambientes climatizados e bem iluminados, que trazem conforto e privacidade aos usuários.



Acervo Chevra

O campo santo está instalado em terreno de 49 alqueires

Se, nos primeiros anos, o Embu era considerado distante por uma comunidade que ainda tinha no Butantã sua principal referência, essa percepção mudou. Com fácil acesso pela Rodovia Raposo Tavares, estrutura consolidada, atendimento humanizado e cuidadoso, o "novo" campo-santo tornou-se uma opção cada vez mais procurada pelas famílias que desejam garantir um espaço de sepultamento em um local que alia respeito às tradições judaicas e cuidado com o meio ambiente.

Não por acaso, crescem as aquisições antecipadas de campas, refletindo o aumento da conscientização sobre a necessidade de planejamento para um momento triste, porém inevitável, e diante da disponibilidade limitada de vagas no Butantã.

Para fazer uma reserva, entre em contato pelo telefone (11) 3329-7070 ou acesse chevrakadisha.org.br/reservas.

■ **Artigo**

Polacas, parte da história judaica do Brasil

Por Mendy Tal
Cientista político e ativista comunitário

Prostitutas judias. Marginalizadas. Falantes de iídiche.

É assim que, à primeira vista, conhecemos as chamadas "polacas", mulheres judias que chegaram ao Brasil, sobretudo entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20, vindas principalmente da Europa Oriental.

Mas essa história é muito maior do que a palavra "prostitutas" deixa imaginar.

O termo "polaca" passou a ser usado no Brasil para designar mulheres judias estrangeiras associadas à prostituição. Nem todas eram polonesas, e suas histórias também não eram iguais. Algumas foram atraídas por falsas promessas de casamento ou trabalho e submetidas à exploração. Outras chegaram à prostituição por circunstâncias econômicas e sociais extremamente difíceis.



Claudia Mifano

Entrada do Cemitério Israelita de Cubatão, na Baixada Santista

Entre as redes de exploração estava a conhecida Zwi Migdal, ligada ao tráfico de mulheres judias da Europa Oriental para a América do Sul.

Mas é necessário desmontar a imagem que ficou. As polacas não eram apenas prostitutas.

Eram mulheres judias, muitas delas oriundas de comunidades asquenazes da Europa Oriental, e muitas falavam iídiche — a língua que haviam aprendido em casa e que levaram consigo para o Brasil.

No Brasil, podia também funcionar como uma forma de comunicação entre elas. Em um ambiente no qual eram estrangeiras e socialmente marginalizadas, falar a mesma língua significava compartilhar uma referência cultural e reconhecer alguém como pertencente ao mesmo mundo. Nesse universo aparecem algumas curiosidades linguísticas.

Uma das mais conhecidas relaciona a palavra "encrenca" ao iídiche *krenk* ou *krank*, associado à ideia de "doente". Segundo um relato ligado à história das polacas, elas usariam uma expressão desse tipo para alertar umas às outras sobre clientes que poderiam estar doentes.

Entretanto, não é uma etimologia definitivamente comprovada. É uma explicação que aparece em relatos e na memória relacionada às polacas.

Algo semelhante acontece com a palavra "sacana", cuja origem também já foi relacionada ao iídiche em relatos sobre essas mulheres. A hipótese, porém, também é controversa e não pode ser tratada como comprovada.

Mais importante do que a origem dessas palavras é aquilo que elas revelam: o iídiche fazia parte da vida dessas mulheres.

E elas não abandonaram sua identidade judaica, apesar de serem rejeitadas por setores da comunidade considerada "respeitável". As polacas criaram suas próprias associações de ajuda mútua. E chegaram a ter seus próprios cemitérios.

Organizavam assistência para as companheiras doentes ou necessitadas, cuidavam das famílias e garantiam os serviços religiosos e funerários. Em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos, surgiram instituições ligadas a essas comunidades.

Um dos mais importantes testemunhos dessa história está em Cubatão, no litoral de São Paulo.

O Cemitério Israelita de Cubatão foi fundado pela Associação Beneficente e Religiosa Israelita de Santos, em 1924. Tornou-se conhecido como o 'Cemitério das Polacas', porque ali foram sepultadas muitas das mulheres judias ligadas a esse universo. O local acabou se tornando um dos mais importantes espaços de memória dessa história.

Ter um cemitério próprio significava garantir que essas mulheres pudessem ser enterradas segundo a tradição judaica, apesar de terem sido excluídas em vida dos espaços comunitários. Era, de certa maneira, uma afirmação: "Somos judias".

O cemitério chegou a ficar abandonado durante décadas. Foi restaurado e reaberto pela Associação Cemitério Israelita de São Paulo em 1997.

A historiadora Beatriz Kushnir foi fundamental para recuperar essa história. Ela mostra que não basta estudar a prostituição para compreender essas mulheres. É preciso olhar para suas relações, suas associações, sua religião, suas redes de solidariedade e suas vidas.

Conhecer a história das polacas não significa romantizar a prostituição ou minimizar a exploração. Significa desfazer um estereótipo. Porque, antes de serem chamadas de "polacas", elas eram mulheres judias. Tinham nomes, histórias e uma língua: falavam iídiche.

E, em Cubatão, suas lápides ainda estão lá para nos lembrar que elas também fazem parte da história judaica do Brasil.

Artigo reproduzido, com a devida autorização, do perfil do autor no Facebook.

Mensagem de ano novo

Que 5787 nos traga *emunah*

Ao começar um novo ano judaico, sinto uma enorme honra e, ao mesmo tempo, uma profunda responsabilidade por estar à frente da Chevra Kadisha de São Paulo.

São mais de cem anos de história, construídos por gerações que dedicaram seu tempo, seu trabalho e seu coração para cuidar de nossa comunidade nos momentos mais delicados da vida.



Acervo pessoal

A Chevra acompanhou as transformações de nossa comunidade, preservando aquilo que é essencial: o respeito à vida, à memória, à tradição e à dignidade de cada pessoa.

Assumir essa responsabilidade é dar continuidade a esse legado. Seguiremos trabalhando para que a Chevra seja uma instituição acolhedora, responsável e preparada para o futuro, sempre colocando as pessoas e suas famílias no centro de nossas decisões.

Também continuaremos garantindo que ninguém deixe de receber um sepultamento digno, porque solidariedade é um dos valores que dão sentido à nossa comunidade.

Ao olhar para o ano que começa, penso muito em emunah. *Mais do que fé,* emunah *também significa confiança — confiança no futuro, nas pessoas e na nossa capacidade de fazer a nossa parte, mesmo diante das dificuldades.*

Que 5787 seja um ano de união, solidariedade e esperança. Que saibamos cuidar uns dos outros e honrar aqueles que vieram antes de nós.

E que todos nós sejamos inscritos no Livro da Vida, com saúde, paz e a esperança de

Shaná Tová Umetuká!

David Klüger
Presidente da Associação
Cemitério Israelita de São Paulo



Acervo pessoal

Reencontro

Em viagem recente a Israel, o ex-presidente da Chevra, Mauro Zaitz, visitou o Rabino Elyahu Valt, que, desde 2021, vive na cidade de B'nei Brak.

Segundo Zaitz, o rabino e sua esposa, dona Raquel, estão bem de saúde e próximos das filhas e dos netos. "Ele sente muitas saudades da nossa *Kehilá* (comunidade) e da Chevra."

Por mais de 40 anos, o rabino Valt atuou como supervisor religioso da Chevra Kadisha de São Paulo.

Desde que fez aliá, há 5 anos, aprofunda-se em estudos da Torá, da Gemará e do Talmud, e, como autoridade na lei judaica (*Halachá*), assim como outros rabinos, profere ensinamentos e orientação espiritual aos membros da comunidade local.

■ Acessórios



Claudia Mifano

Para maior comodidade dos visitantes, os cemitérios israelitas disponibilizam *kipot* nas respectivas portarias e guarda-chuvas nos centros de informação e nos prédios dos velórios. Os acessórios são para uso exclusivo durante o período de visitação e acompanhamento de cerimônias e devem ser devolvidos na saída.

Cemitérios fechados

Confira as datas entre setembro e dezembro em que, de acordo com a *Halachá* (tradição judaica), não é permitido visitar os cemitérios.

Calendário	Festividades	Data Hebraica	Dia da semana
21/09 a 12/10	Yom Kipur a 2º Rosh Chodesh Cheshvan	10º Tishrei a 1º Cheshvan	Segunda-feira a Segunda-feira
26/09	1º dia de Sucot	15º Tishrei	Sábado
27/09	2º dia de Sucot	16º Tishrei	Domingo
03/10	Shemini Atzeret	22º Tishrei	Sábado
04/10	Simchat Tora	23º Tishrei	Domingo
10/10	1º Rosh Chodesh Cheshvan	30º Tishrei	Domingo
12/10	2º Rosh Chodesh Cheshvan	1º Cheshvan	Segunda-feira
10/11	1º Rosh Chodesh Kislev	30º Cheshvan	Terça-feira
11/11	2º Rosh Chodesh Kislev	1º Kislev	Quarta-feira
05 a 12/12	1º a 8º Chanucá	25º Kislev até 2º Tevet	Sexta-feira

CHEVRA KADISHA
Associação Cemitério Israelita de São Paulo

EXPEDIENTE – Coordenação: Boris Ber. Edição: Roberta Jovchelevich (Mtb. 22.908). Projeto gráfico e diagramação: Formato Editoração e Design.

- ACISP (sede administrativa): Av. Pedroso de Morais, 457 – 5º andar, cj. 501, CEP 05419-000 – São Paulo-SP – Brasil Telefone (11) 3329-7070.
- Em caso de falecimento, entre em contato pelo tel. (11) 3329-7070 (opção 1) ou pelo celular (11) 99155-3550.
- Atendimento 24 horas, durante o Shabat e festas judaicas: (11) 99155-3550.
- www.chevrakadisha.org.br. Curta nossos perfis no Facebook e no Instagram: @chevrasaopaulo

ACENDA UMA VELA

Faça agora mesmo uma *tzedaká* 'in memorian', acendendo uma vela virtual.

Uma maneira simples e afetiva de homenagear quem não está mais entre nós.

Acesse chevrakadisha.org.br de seu computador ou smartphone e confira o passo a passo.

CHEVRA KADISHA
Associação Cemitério Israelita de São Paulo